

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: 37

Data: 21 de abril de 1979

Pg.: _____

O ministro não pode improvisar na Amazônia

O ministro do Interior, sr. Mário Andreazza, apresentou programa de ação para a Amazônia, na reunião do Conselho Deliberativo da Sudam, que poderia ter o seguinte título: "Observações generalizadas em torno do óbvio". O ministro abrange todos os problemas e todas as metas de forma superficial, sem apresentar um programa de ação específico. Assim, seu Ministério pretende dinamizar a colonização, a exploração mineral, a exploração madeira ordenada, a promoção do turismo, o desenvolvimento industrial por meio da Zona Franca de Manaus, a utilização do potencial energético da região, a avaliação do sistema de telecomunicações, a implantação de agricultura avançada, a reorientação das correntes migratórias... Enfim, nenhum item escapou aos assessores do sr. ministro, que prepararam extenso documento lido na Sudam. Mas, ao término de sua leitura, ficam as grandes perguntas:

1 — Quais são as reais prioridades do governo para a ocupação da Amazônia? E uma vez definidas essas prioridades, quais as fontes de recursos que serão utilizadas?

2 — Qual a política a ser seguida com relação à ocupação espacial, tendo em vista que no Ministério do Interior estão a Funai e a Secretaria de Meio Ambiente, organismos encarregados dos problemas relacionados com a demarcação das áreas indígenas e as reservas ecológicas, duas questões essenciais para a definição de qualquer plano de ação?

3 — Como pretende o Ministério do Interior reorientar os fluxos migratórios, hoje desordenados, impulsionados apenas pela tentação de terras fáceis?

No discurso do sr. Mário Andreazza há um aspecto positivo, que é o reconhecimento da necessidade de concentrar recursos não mais na abertura desordenada de novas estradas, mas nos pólos de desenvolvimento, de onde se pretende irradiar o desenvolvimento econômico. Entretanto, são 15 pólos! Quais os prioritários? Ainda aqui, a definição fica pela metade, vaga.

Conhecendo o passado do sr. Mário Andreazza, conhecido como homem toca-

dor de obras, destemido diante dos desafios que surgem, não podemos acreditar que se contente ele com essa citação de metas generalizadas, sem atacar os grandes problemas que vêm impedindo o desenvolvimento econômico e social da região. E isso mesmo porque sabemos que o novo ministro já está conseguindo, devido a passadas amizades, superar um dos principais obstáculos, que era o entrosamento entre os Ministérios do Interior, dos Transportes e da Agricultura.

De fato, três ministros no governo Geisel não se haviam entendido, com choques entre Inca, Sudam, Funai, IBDF, etc. No entanto, o sr. Eliseu Resende, ministro dos Transportes, foi o diretor do DNER da administração do sr. Mário Andreazza, quando ocupava aquela Pasta, e autor da idéia da Transamazônica. E o sr. Delfim Netto é amigo pessoal de ambos, já tendo, inclusive, mantido reuniões para resolver o problema do escoamento de parte da safra de arroz no Norte do Mato Grosso e da colonização da área por empresas privadas.

Entretanto, é importante que o ministro defina seus planos, pois hoje, mais do que nunca, não se pode isolar a Amazônia do contexto da economia nacional. Não há, também, mais condições para se repetir erros decorrentes de improvisações tão a gosto do sr. Mário Andreazza, como a Transamazônica, que foi antecipada ao programa dos pólos — muitos dos quais em consequência, não estão cortados por ela.

Reconhecemos os méritos do sr. Mário Andreazza como realizador de obras. Mas ele não pode menosprezar o desafio que representa a ocupação da Amazônia, da qual dependem uma ação planejada, que, como lembrou ainda ontem o sr. Paulo Alvim, não existe. Construir estradas ou abrir picadas na selva é bem mais fácil do que ocupar as áreas abertas. O que está ocorrendo hoje é prova disso: as estradas aí estão abertas, em grandes trechos, à espera do colonizador, gerando apenas esse imenso caos fundiário que caracteriza as principais áreas da região. O sr. Mário Andreazza deveria ter em conta este fato, esta diferença, para evitar a repetição de erros do passado, pois a improvisação na Amazônia levará, forçosamente, ao malogro.